

COMO PRATICAR O COTIDIANO?

Grupo Patafísica

A Revista Píxo sob a questão temática Como praticar o cotidiano? reitera em sua 8ª edição o compromisso com os campos teóricos da arquitetura, da cidade e da contemporaneidade interseccionados. Nesta edição as práticas estéticas e filosóficas, enunciadas pelo Grupo Patafísica, norteiam um percurso teórico assinado não só a partir do campo da arte, mas de discussões que operam análises dissensuais, atentas aos imaginários difusos no cotidiano contemporâneo. Através das intersecções entre práticas estéticas, arquitetônicas, urbanísticas, artísticas e educativas na oitava Revista PIXO, a edição comprometeu-se com a elaboração de fluxos arrançados por uma nova produção do espaço. O conceito de experiência estética nos acompanha e compõe nosso dorso teórico através de diferentes reflexões e escalas.

Damos início as produções acolhidas por essa edição com a sessão de Autor(a) Convidado(a). A cena da Escola no Jardim Damasceno narrada pelos convidados do Escola Sem Muros é o estopim para uma reflexão acerca dos instrumentos cotidianos do campo da arquitetura, da cidade e da contemporaneidade. As temporalidade e afetos da escola, do trabalho coletivo e as potências de cotidianos inundados de emoção e a emoção como uma moção para a ação, ou movimento para fora de nós mesmos, mas que arrasta consigo uma parte psíquica e interior significativa (DIDI-HUBERMAN, 2016). E então, num salto às utopias urbanizadoras, adentramos o primeiro artigo escrito a partir da mega escala da Cidade do México, o autor Gabriel Carmona apresenta o ideal de uma sociedade global e as tentativas de consolidação do direito à cidade em suas brechas. Na escala do gesto a cidade assume sua manufatura através do píxo e das reivindicações transcritas para os seus muros da cidade de Rio Grande em que os pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) se preocupam em atentar aos *modus operandi* da juventude na cidade. Ainda com recorte etário, o terceiro artigo nos ajuda a perceber as operações urbanas na contemporaneidade a partir da atuação das crianças na cidade trazendo questionamentos sobre o cotidiano em situação de rua e a micromobilidade. Neste momento, o fluxo do leitor é convidado a deixar a cidade como espaço construído e acessá-la como experiência, transformando a mobilidade urbana em práticas de atenção a quem tem direito de movimentar-se na cidade e de ocupar o espaço público. Neste sentido a ocupação é dispositivo artístico de descontinuidades no cotidiano espetacularizado, apontada no quarto artigo desta edição.

A ocupação de um corpo coletivo mantém-se em nossa leitura através das Fronteiras dissolvidas que a experiência do Projeto de Ensino Zigoto imprime nas autoras Stela, Gabriela e Carolina. A arte transborda as fronteiras da criação com vestígios da/na cidade e toma posse do artigo seguinte, a partir da reflexão teórica do autor Ricardo Luiz Silva. Um destes artistas arquitetos, Francys Alis, é personagem do artigo produzido pela autora Prof. Dra. da Faculdade de Educação (PPGE-UFPEL) Carla Gonçalves e o autor arquiteto e Ms. em Educação Gustavo Nunes, a quem interessa discutir a subjetividade desses percursos urbanos criadores. Os percursos cotidianos produzem os espaços cotidianos, a arte auxilia a pensarmos nessa produção coletiva e sensível, e para isso a narrativa corporificada pela autora Carolina Rochefort no próximo artigo compartilha seus apontamentos docentes, a partir de desenhos e diálogos da instituição que atua. Assim como a atuação discente trazida no ensaio do Insurgências Cotidianas do Processo de Projeto em que a estrutura curricular do curso de Arquitetura e Urbanismo é questionada em suas intersecções com a cidade, a partir da experiência projetual do autor Felipe Thofern (graduando Faurb-UFPEL). A articulação do processo de projeto enunciada pelas análises das autoras Celma Paese e Roberta Edelweiss

empreende uma reflexão além da estrutura projetual, ou ainda, na ausência destas estruturas. A espetacularização dos espaços e da produção da imagem mantém-se como processo criativo e é também discutida a partir da estética fotográfica como Antipostais, pela autora Solange Gomes Valladão. Nossos três últimos artigos desta sessão trabalham suas registros autorreferentes para discutir deslocamentos entre cidades, a maternidade e a produção artística e o imaginário fictício como exercício cotidiano. Nós, patafísicos, conversamos com APE, o grupo de estudos em mobilidade que atua em São Paulo em percursos crianceiros. Essa conversa é compartilhada na sessão de entrevistas e está posta entre o Museu e o Mundo. Na sessão final da edição, artistas performers, arquitetas, urbanistas e geógrafas invocam imagens cotidianas do nó anatômico às suas funções quase humanas, disfuncionalizando uma urbanidade hegemônica e hostil com narrativas da experiência coletiva. Deixamos o convite para essa invenção cotidiana organizada na 8ª edição da Revista Píxo, com produções insurgentes que apontam práticas contemporâneas por um cotidiano sensível urgente.